

REDE DE TERNOS DE REIS

DE LENÇÓIS - 2021

PRODUÇÃO: GRÃOS DE LŮZ E GRIÔ



Grãos de Luz e Griô

Ponto de Cultura



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e do Centro de Culturas Populares e Identitárias - CCPI (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Créditos

TERNOS DE REIS E GRUPOS DE LENÇÓIS

Terno dos Três Reis Magos de Dona Derina

Terno de Reis Magos de Seu Isidoro Grupo Terno de Reis Água Boa de Lençóis Samba de Roda União da Chapada

LIDERANÇAS E AUTORES DOS TEXTOS:

Dona Derina (Adelina Pereira dos Santos) Seu Isidoro (Isidoro Batista de Almeida) Seu Zé Herculano (José Herculano Vieira) Seu Martinho (Martin Silvano) Antônio Violeiro (Antônio Lima de Oliveira)

REVISÃO E ORGANIZAÇÃO DE TEXTO:

Cleisiane Filgueiras dos Santos, Marilane Freitas de Oliveira e Márcio Caires

EDIÇÃO GRÁFICA:

Tiago Lima e Pâmela Ume

FOTOGRAFIA:

Arquivos pessoais e arquivos do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô

PRODUÇÃO CULTURAL, ELABORAÇÃO DO PROJETO E DO E-BOOK:

- Terno dos Três Reis Magos de Dona Derina - Cleisiane Filgueiras dos Santos
- Terno de Reis Magos de Seu Isidoro Yara Almeida e José Augusto Almeida
- Grupo Terno de Reis Água Boa de Lençóis – Luciana de Souza Vieira e Vilma de Souza Vieira
- Grãos de Luz e Griô Líllian Pacheco, Márcio Caires, Marilane Freitas de Oliveira e Iracema Sacramento



Índice

Apresentação	. 5
O Reisado	. 7
Terno de Reis Três Reis Magos de Dona Derina	10
Dona Derina	15
Terno de Reis Magos de Seu Isidoro	17
Seu Isidoro	18
Terno de Reis Água Boa de Lençóis – Seu Zé Herculano	22
Seu Zé Herculano	23
Samba de Roda União da Chapada	26
Martinho Silvano	28
Seu Antônio Violeiro	30

Apresentação

Este e-book é resultado de um projeto coordenado por uma reiseira e filha de uma liderança de um dos maiores ternos de reis da Chapada Diamantina, uma herdeira da tradição da sua família, que iniciou com a sua avó como promessa de proteção ao seu pai.

O apoio do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô na escrita e na execução do Projeto faz parte de um processo de empoderamento das lideranças dos Grupos.

São mais de vinte anos de convivência entre o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e dezenas de grupos de ternos de reis de Lençóis e da Chapada Diamantina, com apoios na escrita de projetos, compras de instrumentos, roupas, enfeites, alimentação das festas e bolsas de incentivo para as lideranças, além de produção de vídeos e site com a história de alguns deles.

Em função da pandemia da COVID 19, serão reunidas neste e-book as histórias de três grupos de ternos de reis, um grupo de samba de roda de pessoas vinculadas ao reisado e a história de um violeiro que circula entre vários grupos, inclusive no terno de reis da sua família.

Esteve também envolvida nesta construção a professora Iracema Sacramento, liderança quilombola e coordenadora da Rede de Culturas Tradicionais e Populares de Lençóis.

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e do Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI), Programa Aldir Blanc Bahia, via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



Senhora dona da casa Deus lhe dê uma boa noite Deus lhe dê uma boa noite

Boa noite lhe dê deus E amanhã lhe dê bom dia E amanhã lhe dê bom dia

Passarinho quando avoou No ares bateu as asas Nos ares bateu as asas

Foi voando e foi dizendo Viva a dona dessa casa Viva o dono dessa casa

E tornou a voar Nos ares bateu outra vez Nos ares bateu outra vez

Foi voando e foi dizendo Viva o nosso Santo Reis Viva o nosso Santo Reis

(Cantoria de Chegada dos Terno de Reis)

O Reisado

A festa dos três reis magos tem data certa no Brasil: 06 de janeiro. É conhecido também como o dia dos "Santos Reis". Mas até chegar a este dia de celebração, "muita água corre por debaixo da ponte".

Começa com a guarda e reparos dos enfeites dos chapéus, das roupas e instrumentos. Revisão das fitas, das flores de plásticos, das lantejoulas, dos espelhos, das penas de pavão, das cordas da viola, das costuras e detalhes das roupas. E a fartura dos alimentos da festa do dia seis de janeiro? e os mantimentos para as caminhadas dos reiseiros? e o apoio aos reiseiros pelos seus dias sem ir ao trabalho em função de estarem acompanhando o grupo de reisado?

Pra falar do reisado do Brasil é preciso um grande mergulho numa diversidade de formas, dramaturgias, cantos, rezas e crenças. Trazida pelos colonizadores portugueses, esta tradição bíblica de ritualizar a caminhada dos três reis magos, guiados por uma estrela, até o estábulo onde estava o menino jesus, se espalhou fortemente pelo território brasileiro, numa fusão com as tradições afro-brasileiras e indígenas, recebendo nomes diversos.



O Reisado

Na região da Chapada Diamantina, o mais comum é a referência de "Terno de Reis" e "Reisado". Ao chegar nas casas, ainda com a porta fechada, o grupo canta o Reis da Porta: "Meu senhor dona da casa deus te dê uma boa noite . . .". Ao final deste canto o dono ou a dona da casa abre a porta e o Grupo entra pra fazer a reza pra lapinha. Em seguida entram os cantos de chulas, batuques e a depender do grupo e do pedido da família da casa, ainda se dança o "paulista". Ao final, recebem a doação e fazem a despedida com um canto de agradecimento à dona e ao dono da casa. A reza é diferenciada de grupo a grupo, alguns com 25 ramos ou estrofes. A melodia dos cantos também tem suas diferenciações mesmo dentro do município de Lençóis.

Originalmente, a saída dos ternos de reis inicia no dia 24 de dezembro pra uma grande caminhada de casa em casa visitando as lapinhas ou presépios preparados para saudar o nascimento do menino jesus. Por isso os grupos começam o ritual desde o dia 24 de dezembro até a grande festa no dia 06 de janeiro na casa da chefa ou chefe de reis. Este período também é ajustado em função da vitalidade e disponibilidade dos participantes dos grupos, o que faz a caminhada ser feita por alguns grupos em menos dias. Tem também os grupos que circulam em municípios diversos a convite das gestões públicas, o que altera o calendário normal.



Durante as visitas às casas, os grupos costumam ser recebidos pelas famílias com comidas, bebidas e a tradicional "esmola" pro santo. A alegria é o principal sentimento durante as passagens, com seus cantos, roupas coloridas e muita festa.

Na região da Chapada Diamantina, os instrumentos utilizados também diferenciam entre os grupos: usam a viola de dez cordas, o violão, o cavaquinho, o pandeiro, a caixa, o zabumba, a gaita, a sanfona, o triângulo o ganzá e outros. Alguns grupos inclusive recebem o nome de instrumentos: "Terno de Reis de Gaita", "Terno de Reis de Zabumba"...

E viva o Santo Reis!
Viiiiiivaaaaa!!!!!!

Márcio Caires (Pontão de Cultura Grãos de Luz e Griô)



Terno de Reis Três Reis Magos de Dona Derina

Nome: Adelina Pereira dos Santos Endereço: Comunidade Octaviano Alves (Tanquinho de Lençóis), distrito de Lençóis, Bahia, CEP 46.960-000 Data de Fundação do Grupo: por volta de 1937

Quantidade média de casas visitadas por ano: 100

Principais lideranças do Grupo:

Adelina Pereira dos Santos
Cleisiane Filgueiras dos Santos
Gerivaldo de Oliveira Araújo
Cyntia Sofia F. Dos Santos Lopes
Margarida Caetano de Oliveira
Vangevaldo Ferreira de Araújo
Domingos Pereira Bispo
Gilberto Rodrigues menezes
Vilma Pereira dos santos
Dominyc santos de oliveira
Edmario bispo dos santos



Terno de Reis Três Reis Magos de Dona Derina

O grupo de reisado Terno dos Três Reis Magos de Dona Derina (Adelina Pereira dos Santos) surgiu por volta de 1937, através de uma promessa feita pela mãe de seu marido Valdemar.

Seu Valdemar aos seus 4 anos de idade teve um problema de saúde e foi dado como morto, seu corpo foi velado e após queimar 3 velas, ele reagiu. Assim, sua mãe fez a promessa com os Três Reis Magos, prometendo que se eles ajudassem o filho dela a curar-se, ela iria rezar e tocar para os Três Reis Magos pedindo esmola do dia 01 até o dia 06 de janeiro, quando festejaria a festa de Santo Reis. Quando Valdemar se curou, a sua mãe fez o que prometeu, tocou os Três Reis Magos e festejou em torno de 12 anos na região de Lajedinho na comunidade de Quebra Viola. Quando a sua mãe faleceu lhe fez um pedido: que tomasse conta do grupo de reisado.

Valdemar dançou o reis até seu último dia de vida. No ano de seu falecimento, em 1984, Valdemar adoeceu e não tinha melhoras. No dia da festa de Santo Reis, o grupo saiu para sambar na comunidade, quando chegaram na casa de Valdemar começou a cantar nos pés de cada pessoa e, por último, no altar dos santos e disse: "esse ano vocês saíram comigo, mas ano que vem, quem vai fazer essa obrigação é Derina, ela não quer, mas se ela não querer, ela vai morrer. A escolha é dela se vai cumprir com o pedido ou vai morrer".



Terno de Reis Três Reis Magos de Dona Derina

Derina se recusou e foi embora para São Paulo, viveu parte de sua vida por lá, construiu casa, festejou o caruru de Cosme e com o tempo ela adoeceu e retornou para sua cidade.

Quando o seu marido faleceu, Derina havia guardado os chapéus do reisado em um dos quartos de sua casa. Derina não sabia o que fazer e pediu para Santo Reis para mostrar onde ela estava errando, por que tudo estava dando errado em sua vida.

Em uma noite, durante um sonho vieram os 3 Reis Magos e disseram: "olha, o primeiro comandante desse reis está dentro do museu, porque os chapéus dos meus reiseiros que partiram estão jogados no lixo?" Ela respondeu não está não. Eles a levaram até o quarto onde estavam os chapéus e disseram: "está no lixo ou não está? Pegue meus chapéus e leve para um museu". Falaram que era para levar tudo que pertencia aos reiseiros: chapéu, toalha e fotos e deixasse no museu.

Derina pegou os chapéus e colocou no quarto do santo, tudo voltou ao normal, a falta de apetite, o mal-estar que ela estava sentido sumiu.



Terno de Reis Três Reis Magos de Dona Derina

Os Santos pediram para que ela procurasse o rapaz de Lençóis (Marcio Griô) e articulou com a Casa de Cultura de Utinga para resguardar os pertences e memórias dos reiseiros. Márcio ajudou no ritual e Ciro Pacheco criou o vídeo que conta esta história.

Desde 1984 Derina dá continuidade ao reisado e o grupo sai cantando e tocando até os dias de hoje. Ela canta e não toca instrumento. Na sua ausência, a chefia do grupo é passado para a sua filha Cleisiane, que acompanha a mãe desde pequena. Ela sai com o Grupo no dia trinta de dezembro até o festejo no dia seis de janeiro, uma festa que vai até às 6 horas da manhã do dia sete de janeiro. O Grupo tem entre dezessete e dezoito participantes.



Você disse que não vai Lá no ranchinho onde eu moro Você não gosta de samba Samba é coisa que eu adoro

Na noite que eu não sambo De manhã cedo eu levanto Eu saio no terreiro e choro

Eu saio no terreiro e choro
E não tem quem chora mais eu
Só chora minha viola
Quem sabe o que aconteceu
Quando as cordas ritinir
Você não vai persistir
O triste destino meu

O triste destino meu
Na hora que eu nasci trouxe tudo anotado
Na hora da cantoria
Usei a sabedoria
Peguei o meu cavaquinho lembrei do meu passado

Lá em casa todo mundo dorme Lá em casa todo mundo dorme Só eu não posso dormir O galo canta o dia amanhece eu vou sambar em Andaraí

(Chula cantada por Dona Derina)

Dona Derina

Adelina Pereira dos Santos, 69 anos, nasceu no dia 14/04/1952 em lajedinho no estado da Bahia, filha de Arcanja Pereira do Ouro e Anezio Lucas de Souza. Cresceu mesmo foi com a sua avó e seu avô.

É lavradora e mãe de Santo. Quando criança brincava de catar caroço de mamona e a vida era muito corrida. Aprendeu cantiga de roda tais como "eu morava na areia" e "leva eu minha saudade". Todos de mãos dadas cantavam. Era uma alegria só.

Participa da tradição do jarê desde pequena. Seu maior desafio foi assumir o grupo do terno de reis que era cuidado pelo seu marido Valdemar. Não teve escolha. Tanto o próprio Valdemar, antes de falecer, deixou a obrigação expressamente pra ela, como os reis magos lhe avisaram em sonho.

Assumir o festejo do reis passou a ser uma questão de saúde para a sua família.

Tem 5 filhos por nome de: Vilma, Valdemar, Vanderlete, Cleise Cleia e Cleisiane.



Terno de Reis de Seu Isidoro

Ingazeira morava umas índias Resolveram mudar Moravam num lapeiro Deixou escrito um letreiro Fazendo a gente se a lembrar

> Ô india, ô india Que bonita morena Com sua saia de pena Nunca mais vai voltar

Tanto verso que sabia Veio o vento e carregou Para amar e querer bem Na memória índia ficou

(Canto de Seu Isidoro)

Terno de Reis Magos de Seu Isidoro

Nome: Isidoro Batista de Almeida

Endereço: Comunidade Ingazeira,

distrito de Lençóis, Bahia,

CEP 46.960-000

Data de Fundação do Grupo: 1905

Quantidade média de casas visitadas

por ano: 300

Principais lideranças do Grupo:

Isidoro Batista de Almeida, Braulino José de Souza, Manoel Rosa, Durval, Adão, Antonio, Tião, Vangivaldo, Salvador e Lio

O Grupo foi fundado em 1905 por Seu João Batista de Almeida pela alegria do nascimento do seu filho José Batista de Almeida. Em 1912 nasceu outro filho de Seu João, Seu Maximiano Batista de Almeida, o pai de Seu Isidoro. O Terno ficou por anos sendo conduzido por Seu João e em seguida foi herdado pelo seu filho Maximiano Batista.

Em 1982 Seu Isidoro assumiu a responsabilidade do seu pai e manteve a tradição de nunca deixar de sair um único ano, uma tradição de gerações da família. Circula em torno de 300 casas do dia 25 de dezembro a 06 de janeiro de todos os anos. A festa é feita em sua casa na comunidade rural de Ingazeira, distrito de Lençóis.



Seu Isidoro

Seu Isidoro nasceu na zona rural do município de Lençóis, na região chamada de Ingazeira. Ainda criança sambava imitando os avós e cantando na casa de farinha. Brincava de Peteka e corria pelo mato montado num pedaço de madeira que chamavam de "cavalo de pau". Entre invenções, tocava uma viola de côco montada por eles mesmos. Montava uma fazendinha de gado com bobó de banana. Final de tarde e início da noite era momento de cantigas de roda. Acordava cedo pra acompanhar as alvoradas. Já nasceu ouvindo samba de roda, uma tradição vinda dos avós.

Quando jovem, ficou encantado com uma viola que seu irmão trouxe de São Paulo e passou a ter um sonho de tocar aquele instrumento.

O seu irmão morava próximo, na comunidade do Mocó, e Seu Isidoro passou a frequentar a casa dele com mais frequência na esperança de poder pegar no instrumento. Passou a aproveitar quando o seu irmão ia pra roça e pegava escondido a viola pra dedilhar. Depois de algum tempo, a sua confiança foi aumentando porque sentia que estava aprendendo. Persistente, Seu Isidoro continuou visitando a casa do seu irmão e pegando escondido a viola até aprender uma cantiga.



Seu Isidoro

O seu irmão tinha a viola mas não sabia tocar e ficou impressionado quando Seu Isidoro lhe mostrou o que havia aprendido.

Dona Eduarda Maria da Conceição, mãe de Seu Isidoro, nasceu na região de Iraquara (Ba), mas veio ainda criança pra comunidade de Riachaozinho, próximo à Ingazeira. Já o seu pai Maximiano Batista de Almeida nasceu na comunidade do Mocó e viveram da roça, plantando arroz nos brejos, café, banana, feijão, mandioca, milho e outros. A sua sobrevivência era através das vendas e trocas na feira semanal.

O avô do pai de Seu Isidoro se chamava Antonio e viajava de jegue pra vender tapioca na feira de Lençóis e região. Ele também era um lavrador e vivia da terra. A mãe do Dona Eduarda, a avó de Seu Isidoro, se chamava Agda e era uma indígena.

Seu Isidoro conta que naquela região viviam muitos indígenas e inclusive conhece pinturas rupestres nas serras. Diz também que viu por muito tempo luzes piscarem na serra e acredita que eram chamados.

Seu Isidoro é pai de seis filhos, três homens e três mulheres.



Todo mundo padecendo Quando a seca no sertão Quando avista juriti No galho canta o cancão

Por obra da natureza A seca na redondeza É desgosto pro sertão

A chuva é sangue da terra Sem a chuva nada sai A gente planta o feijão Ele mujunga e não sai

Por isso nessa figura É uma parada dura Eu digo que nossa chuva É o sangue que cai no chão

Que a chuva é sangue da terra Sem a chuva nada sai Você planta o mantimento Ele emperrou e não sai

Minha gente a vida é dura Em uma plantada segura Cochilou, cachimbo cai

Quando eu cheguei em São Paulo Dava pena e dava dó A minha mala era um saco O cadeado era um nó

Sem trabalhar nós não vive Sem trabalhar ninguém vai Sem água a via é dua Cochilou, cachimbo cai

(Canto de Adão Repentista, falecido em 2004, foi tocador do Terno de Reis de Seu Isidoro)

Terno de Reis Água Boa de Lençóis – Seu Zé Herculano

Nome: José Herculano Vieira

Endereço: Comunidade Água Boa, distrito

de Lençóis, Bahia, CEP 46.960-000 **Data de Fundação do Grupo:** 1967

Quantidade média de casas visitadas por

ano: 100

Principais lideranças do Grupo:

José Herculano Vieira, Erivaldo Bispo de Souza, Luciano de Souza Vieira, Lucas de Souza Vieira.

Cristiano de Souza Vieira Desde pequeno Seu Zé Herculano era encantado pela festa dos Ternos de Reis. Ficava atento aos grupos que circulavam pelas casas da região de Água Boa, comunidade rural do município de Lençóis, Bahia, e todo final de ano e início de janeiro estava ele seguindo os ternos de casa em casa. A sua mãe, Dona Jovinda Maria Miranda, foi quem lhe apresentou a tradição, pois ela também acompanhava os ternos. Dona Jovinda tinha um problema de saúde e ainda jovem Seu Zé Herculano fez uma promessa de montar seu próprio terno como obrigação para a cura da sua mãe. Assim, em 1967, aos 20 anos de idade, Seu Zé Herculano montou o seu Terno de Reis e nunca deixou de sair um único ano. Circula em torno de 100 casas do dia 25 de dezembro a 06 de janeiro de todos os anos. A festa é feita em sua casa na comunidade rural de Água Boa e também na comunidade rural de Baixa Vistosa, município vizinho de Bonito.



Seu Zé Herculano

Seu Zé Herculano (José Herculano Vieira) nasceu em 1947 na comunidade rural Água Boa, distrito de Lençóis, Bahia.

A sua mãe Josina nasceu na região próxima à Estiva, também no município de Lençóis. Já o seu pai Firmino vem do Sertão da região de Iraquara. Dona Josina e Firmino sempre viveram do que plantavam na terra, uma parte vendia na feira e outra trocava entre as famílias da região. Assim sobreviveram e criaram seus filhos e filhas, inclusive Seu Zé Herculano, que seguiu com o ofício de lavrador e até hoje vive do que planta na terra: mandioca, café, feijão, milho e outros.

Toda semana vai à feira de Iraquara e do Bonito, onde convive com lavradores e lavradoras e faz as vendas e trocas de sua produção. Seu Zé conheceu somente a sua avó materna, Dona Salustiana, filha de uma indígena, mas nunca ouviu dizer qual era o povo indígena da sua bisavó.

Não conheceu a família do seu pai que veio do sertão, mas se sabe que eram também um povo que vivia da terra, lavradoras e lavradores.

Seu Zé cresceu entre a roça e as brincadeiras com as crianças das famílias próximas. Brincava de jogar bola, fazer carrinho todo de madeira, inclusive a roda, e escarrerando com os cavalos de pau feita com pedaços de madeira.

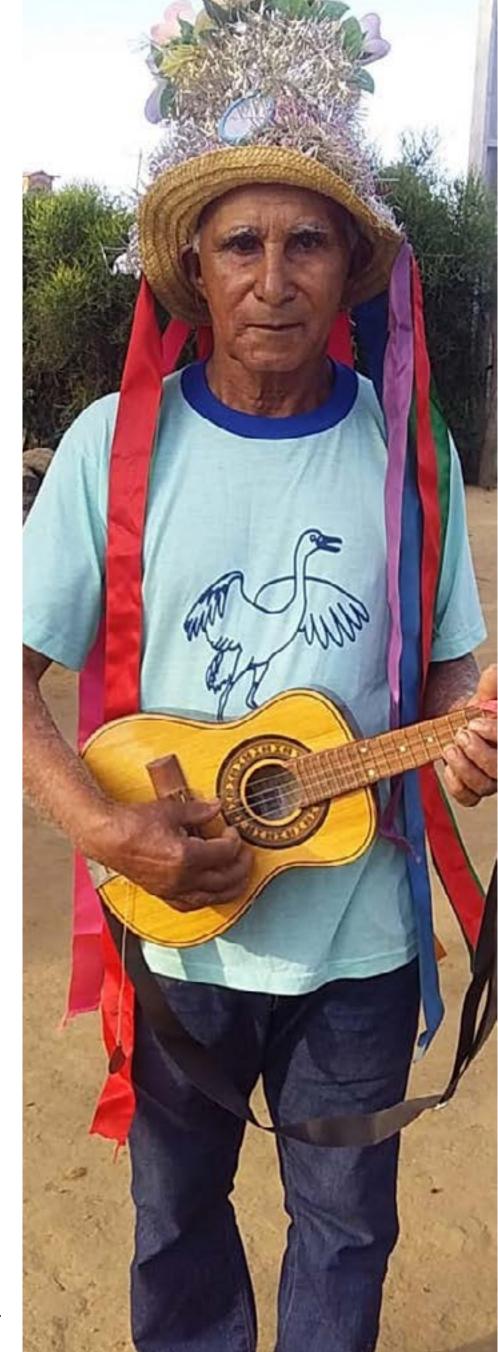


Seu Zé Herculano

Acompanhava desde menino os grupos de ternos de reis da região, inclusive vendo a sua mãe nas cantorias e rezas nas casas. Depois que os mais velhos e mais velhas finalizavam as cantorias, as crianças se reuniam pra imitar e fazer os seus sambas. Saiam pro mato pra procurar madeira mole pra fazer instrumentos. Montavam até viola de madeira com 6 cordas feitas de um cipó pegado no mato e conhecido na região como "bonia".

De tanto brincar de tocar e imitar os mais velhos e mais velhas, aprendeu a dedilhar o cavaquinho e tempos depois a viola de 10 cordas.

Seu Zé diz que ensinou aos seus quatro filhos homens, que já podem assumir em caso de sua falta. Seu Zé tem ainda mais duas filhas mulheres.



Terno de Reis de Seu Zé Herculano

Eu tinha um lindo pássaro preto Que parece que adivinhava Quando era meio dia Tinha que ver como cantava

Canta canta pássaro preto Quem canta seus males espanta Alivia as minhas dores Eu também vivo cantando

O pássaro preto foi-se embora Ou foi gavião que pegou Da gaiola eu pus pra fora Até hoje não voltou

Vida triste de quem chora Por amar e querer bem Depois que ela for embora Nunca mais amei ninguém

(Canto de Seu Antônio Professor, irmão de Seu Zé Herculano)

Samba de Roda União da Chapada

http://trilhagriochapada.org.br/
sambaderodauniaodachapada/

Eventos regulares:

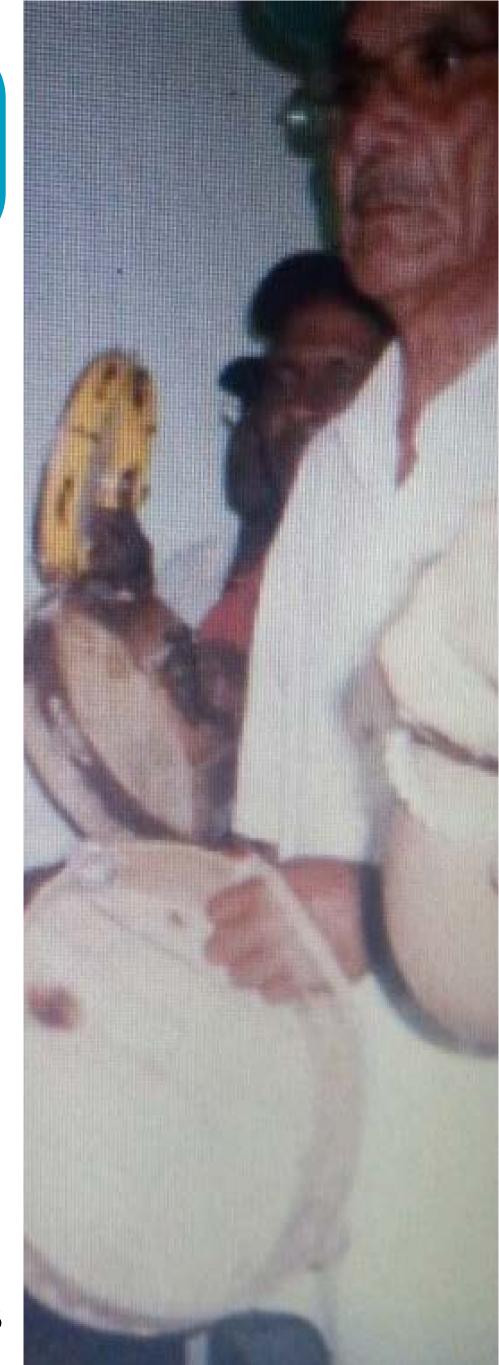
Santos Reis, dia 06 de janeiro São Cosme e São Damião em setembro Santo Antonio, dia 12 de junho

Nome dos participantes:

Martim Pandeiro (todos) – Vocal Pedro – Violeiro Emídio – Caixa Joaquim – Vocal

O grupo de Samba de Roda União da Chapada é formado por alguns moradores da comunidade de Tanquinho, na cidade de Lençóis, Bahia. Na comunidade, há alguns anos atrás, era de costume os sambadores saírem pelas ruas e casas de moradores para tocar, cantar e dançar o samba durante os festejos de Santos Reis, Cosme e Damião e durante as novenas da festa de Santo Antônio padroeiro da comunidade. Com o passar do tempo, cada participante criou sua família e com as demandas da vida pararam de tocar.

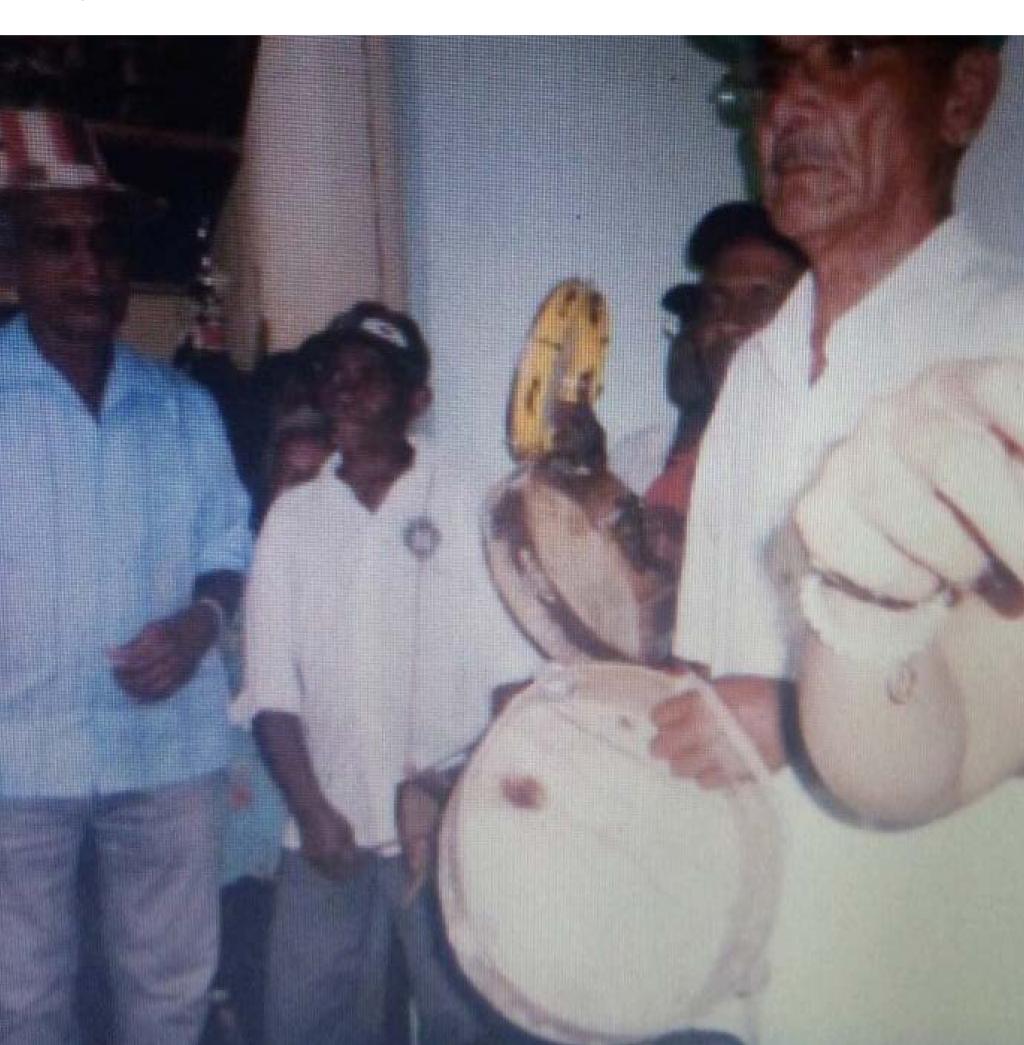
Em 2000, a Associação Grãos de Luz e Griô apoiou o grupo com a valorização em apresentação e participação em Encontros da Formação de Educadores e aulas da Pedagogia Griô nas escolas,



além de Caminhadas com o griô aprendiz "Véi Griô" e apoio para roupas e instrumentos musicais.

Hoje, o grupo é formado por 5 integrantes nativos que residem e continuam participando de eventos culturais realizados na comunidade.

Seu Martim costuma-se dizer: "Somos caminhantes do samba, nascemos dentro do samba, nossos avós eram sambadores, por isso sambamos até os dias de hoje".



Martinho Silvano

Martin Silvano do nascimento, 77 anos, nasceu em novembro de 1943. É lavrador e sambador. Filho de Dona Joana Silvana do Nascimento, nascida em Serra Preta, região onde também nasceu seu pai Adelino Clementino de Santana. Trabalhavam na roça e tinham a devoção de acompanhar os ternos de reis da região.

Conviveu desde pequeno com a sua avó Maria Benedita do Nascimento e seu avô Antônio Cassimiro, que também viviam da plantação da terra.

Quando criança não tinha muito tempo pra brincar, mas quando podia brincava de esconde esconde e entre outras brincadeiras gostava de cantar chula.

Cresceu no meio do samba pois sempre gostou da tradição. Não acompanhava nenhum grupo. Seu avô resava de ano em ano pois tinha a devoção com o santo reis. No grupo de samba toca um pouco de pandeiro mas diz que gosta mesmo é de cantar.

Fez de tudo nas fazendas que trabalhou antes de aposentar, inclusive já teve a função de vaqueiro. Por isso seus cantos de chula tem as puxadas de vaquejada.



Ô mulher
Tu vem sambar mais eu
Teu pai, tua mãe te amam
Mas não amam como eu
Mulher, tu vem sambar mais eu
(Batuque cantado por Martinho)



Eu vou descendo As águas vão me levando

Eu pisei na ponte do meio Vi Ribeirão de Taquara Adeus Casa Domada Adeus Marreto de Flor Maquinista Morreu Mas o bagageiro ficou

(Chula cantada por Martinho)

Seu Antônio Violeiro

Seu Antônio Lima de Oliveira nasceu no município de Ruy Barbosa em março de 1955. Morou na Fazenda Barra Nova e fazenda Boa Sorte, no município de Andaraí. Em seguida morou na fazenda Cajueiro 02 Município de Wagner e hoje residente e domiciliado no quilômetro 102, entroncamento de entrada para o município de Wagner, vizinho ao município de Lençóis.

Seu Antônio é filho de Seu Alfredo Gomes de Oliveira, conhecido como Seu Dunga, curador conhecido da região. A sua mãe Dona Domitila Lima de Oliveira vinha da tradição do samba e Terno de Reis. O avô paterno se chamava Tibúrcio e avó Dona Francisca. Já os maternos foi Seu Ludurgério e Dona Severiana.

Seu Antônio foi pai de dez filhos, mas só se encontram vivos e criados cinco deles. Tem sete netos e um bisneto. Moram com ele na mesma casa sua esposa, um filho e um neto.

Seu Antônio conta que herdou este legado de sambar, tocar viola, pandeiro e caixa por parte da família paterna e materna, os dois lados eram envolvidos com festejos. Da família do mestre Dunga veio o reisado e da família do lado de senhora Domitila veio o samba de roda e batuque.

Ele conta que aprendeu a tocar viola pegando escondido a viola do seu pai,



Seu Antônio Violeiro

mestre Dunga, só que um dia seu pai desconfiou e perguntou quem havia afinado a sua viola. Ele respondeu: "foi eu pai". Mestre Dunga pediu para que ele afinasse diante dele e ainda pediu: "toca aí meu filho pra eu ouvir". Antônio afinou a viola e tocou para o seu pai: "muito bem meu filho, você irá seguir nossa tradição de família".

Depois disso seu Antônio tocava e batia instrumentos no terno de réis do seu pai, cujo nome era Terno de Santo Reis. Saía também para tocar nos ternos de Reis do seu Zuca e no Terno de Reis da sua cunhada Dona Ana.

O Terno de Reis do seu pai ninguém deu continuidade, mas ele pensa em continuar porque entende que é um legado que não pode parar, que herdou a tradição de sambar dos dois lados da Família e que tem todos os instrumentos, dentre eles o pandeiro, o triângulo, a viola, o tambor e a caixa.

Diz que seu trabalho hoje é plantar batata, banana, andú e aipim no quintal de casa e criar galinhas. Tudo que produz é para o consumo da família, mas diz que se algum vizinho precisar ele divide.

Foi assim que seu pai lhe criou: "Ele me dizia que tinha duas coisas que admirava em mim: ser um bom filho e amigo". Neste tempo de pandemia volta e meia pega a caixa ou a viola pra tocar, "cantar para matar a saudade". Se emociona quando lembra do velho pai e da velha mãe: "mas a vida é isso mesmo. O caminho segue e quero continuar no ramo".



Chegada de Reis

Lá vai chegando a romaria, lá vai Lá vai chegando a romaria do amor Acompanhada com Jesus Cristo Que é o nosso apregador

Lá vai chegando a romaria, lá vai Lá vai chegando a romaria do amor Acompanhada com Jesus Cristo Que é o nosso governador

(Antônio Violeiro)



Ô estrela dalva
Ela vem saindo
Clareou o mundo
O altar do Deus Menino
(Antônio Violeiro)



O tenente Zé Bezerra Com ele ninguém podia Como pegar esse homem Dentro da margem da ilha

As águas do mar se balança A pedra do morro descia Pra poder pegar esse homem Andaram de noite e de dia Ô lá vai, lá vai, ê,

> Mané do Gato vem Procurar quis saber Falava em Lampião

Oi aqui e agora Onde nóss vamos amanhecer Falava Lampião

(Chula cantada por Antônio Violeiro)





Iá, Iá é hoje Que a palha da cana voou Iá, Iá é hoje mesmo Que ela tem que avoar

(Batuque cantado por Antônio Violeiro)



Eu vou me embora, eu não vou me embora não Eu vou me embora, eu não vou me embora não Se eu tivesse de ir embora, meu coração não vai não

A vida do boiadeiro precisa de uma explicação A vida do boiadeiro precisa de uma explicação Vaqueiro boiava o gado na poeira do sertão Hoje está tudo mudado Hoje só transporta gado em cima dos caminhão

Até hoje ainda me lembro da casinha onde eu morava Até hoje ainda me lembro da casinha onde eu morava

Fica no pé da ladeira onde a boiada passava

No meu tempo de criança Até hoje eu tenho lembrança Onde o vaqueiro aboiava

Chora viola, chora meu bem Chora viola, eu sinto saudade eu choro também

Eu vou me embora amanhã muito cedinho Se meu bem quiser me ver Vai me esperar no caminho

A vida do boiadeiro precisa de uma explicação Vaqueiro boiava o gado na poeira do sertão Hoje está tudo mudado Hoje só transporta gado em cima do caminhão

Até hoje ainda me lembro da casinha onde eu morava
Até hoje ainda me lembro da casinha onde eu morava
Fica no pé da ladeira onde a boiada passava

No meu tempo de criança Até hoje eu tenho lembrança

Vaqueiro piava fino no coice de uma boiada O que não arroquecia Todos eles adoecia da poeira da estrada

Onde o vaqueiro aboiava

Eu subi pelo pé, desci pela rama Menina me pega, mim joga na cama.

Eu subi pelo pé, desci pelo gaio Menina me pega senão eu caio

Lá vai, lá vai..

(Chula cantada pela família de Antônio Violeiro, seu pai Dunga e sua mãe Tila)



Amanhã eu vou me embora
Mineira tá me chamando
Mineira te um costume
Chama e a gente vai andando
Mineira tem um costume
Mineira tem um costume
Chama e a gente vai andando

(Despedida cantada por Antônio Violeiro)





Grãos de Luz e Griô

Apoio Financeiro:









